

EDIÇÃO 74

Suplemento Literário de Mato Grosso

Nódoa no Brim

TANGARÁ DA SERRA - MT - BRASIL
31 DE MARÇO DE 2022





Expediente

O **Nódoa no Brim** tem por objetivo a criação de um espaço em que são abordados assuntos concernentes à arte literária e à relação dialógica que ela estabelece com outros campos do conhecimento, assim como outras artes. Embora grande parte das matérias publicadas seja uma extensão das atividades e discussões realizadas em nossos cursos de pós-graduação, o propósito do jornal é atingir, por meio de uma linguagem mais acessível, um público mais amplo, abarcando o leitor comum e o aficionado da Literatura e jornalismo cultural, através da divulgação de autores, obras e temas literários de relevância no cenário cultural contemporâneo e seu diálogo com as demais artes.

Direção geral: Walnice Vilalva
Equipe editorial: Walnice A. Matos Vilalva, Claudia Eliane Zortea, Tayza Codina, Maria Madalena da Silva Dias e Natália Marques da Silva.
Artista Visual Convidado: Alice Pereira
Colaboradores: Marina Taborelli e Silva, Clube da Leitura, Divanize Carbonieri, Paula Simone Fernandes Esteves, Lucinda Persona, Maria Cleunice Fantinati da Silva e Elisabeth Battista.
Diagramação: Umberto Rios Magalhães

CONTATO
email: nodoanobrim.mt@gmail.com

Publicação das edições de 2022
O Suplemento Literário de Mato Grosso Nódoa no Brim convida pesquisadores/as e escritores/as a submeterem artigos, ensaios, resenhas, contos, crônicas, poemas, carta do leitor às suas edições de 2022. Para acessar as regras de submissão, clique no link: <https://ppgelunemat.com.br/submissao-nodoa>



Universidade do Estado de Mato Grosso
Núcleo de Pesquisa Wladimir Dias-Pino
Endereço: MT-358, 7 - Jardim Aeroporto,
Tangará da Serra - MT, 78300-000

Editorial

Qual é o ponto entre a literatura e o bordado?

O entrelaço é dito por Ana Maria Machado, no livro **Ponto de Fuga**: “não existe obra cultural inocente, todas estão carregadas de ideologia”. Neste mesmo livro, a autora relata uma experiência que vivenciou com a filha ao entrarem num estado de contemplação e concentração ao verem uma aranha construindo sua teia. Ela e a filha experimentaram, diz a autora, o estado de Tao, “algo indefinível e que não pode ser posto em palavras”.

Ao escrever, afirma Ana Maria Machado, ela experimenta essa mesa sensação, de ligação e completude com relação à criação e associa essa força da criação a elementos de tecelagem e tapeçaria. Lembrando de uma conversa com Roland Barthes, na década de 70, conta que o escritor chamou atenção para o fato de que várias palavras que usamos para designar o texto e a escrita vêm de outros domínios: trama, texto (de tecido), tecer, enredo, fio da meada, novelo, novela, amarração. É algo assimilado pela tradição literária. Literatura e tecelagem anda juntas em lendas, mitos, histórias: As três Moiras, Aracne, Penélope, Ariadne e mais recentemente a Moça Tecelã, da Marina Colasanti.¹

Historicamente, tecer é uma atividade feminina. Ao mesmo tempo que domesticou as mulheres, fortificou as comunidades de mulheres que passavam o dia juntas, tecendo unidas, contando histórias e adivinhas: era a criação têxtil associada à criação de textos. Entretanto, se a atividade têxtil valorizada durante séculos, com o surgimento das máquinas que substituíram “a prática artesanal da fição, as mulheres que se dedicavam a essa atividade foram desvalorizadas e sua imagem tão positiva foi rapidamente destruída”.

Indo às dicotomias entre o têxtil e o texto, Ana Maria Machado diz que “Aliadas da narrativa, a fição e a tecelagem tinham sentido para as mulheres que as criavam. Ao serem contrapostas ao livro e ao estudo, foram sendo rejeitadas”. O trabalho artesanal do têxtil se contrapõe ao da leitura e escrita: este intelectual e voltado historicamente ao homem, aquele, de menor valor e voltado às mulheres. Tal realidade, no entanto, não é pacificamente aceita por elas, que “foram, pouco a pouco, prosseguindo na consolidação do espaço para se fazerem ouvir, indo progressivamente da conversação para a correspondência, das cartas para a literatura (como leitoras e autoras) e dos livros para a imprensa.”

“Enfim, as mulheres que teciam ou bordavam foram tomando a palavra e contando sua história, textualmente ou textilmente”. E Neste Nódoa, entrelaçamos literatura e artesanato têxtil compondo uma belíssima teia com muitos fios de tecido e palavras feitos por ELAS. A artista escolhida é Alice...que nos brinda com imagens referentes ao seu trabalho artesanal com crochê e bordado.

¹ Colasanti concedeu este mês uma belíssima entrevista ao PPGEL, que pode ser vista na íntegra pelo link: [20TributoàLiteratura - Marina Colasanti - YouTube](https://www.youtube.com/watch?v=20TributoàLiteratura-MarinaColasanti-YouTube)

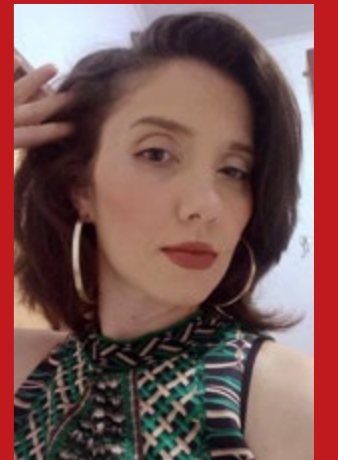
A carta deste mês é escrita coletivamente, pelos componentes do Clube da Leitura, de Tangará da Serra e é dirigida carinhosamente à escritora Divanize Carbonieri. O texto expressa toda gratidão à escritora pela sua escrita tão envolvente e crítica e intenta um diálogo com a escritora: “O que você anda planejando? O que virá de novidade nesse ano? Você pode contar só pra nós, a gente jura que não espalha.” Nós, do Nódoa, desejamos a continuação dessa deliciosa conversa. Um dos livros mencionados pelos alunos é **Passagem estreita**, onde é publicado o fascinante conto desta edição, intitulado **Correnteza**.

Lucinda Persona, expoente da literatura mato-grossense, nos presenteia com o ensaio **Falas, Desejo e Movimento**, fruto de uma palestra proferida no II Simpósio de Poesia Contemporânea de Autoria Feminina do Norte, Nordeste e Centro-oeste, realizado em 28 de outubro de 2021. Lucinda fala sobre sua trajetória enquanto escritora, que começa com um despertar ainda na infância, num momento de leitura em sala de aula. Ela relata: “Estávamos atentos àquela fantasia, num evidente ar de encantamento, saboreando a linguagem sonora e colorida na qual cada palavra deslizava por caminhos diferentes no mais profundo da imaginação”.

O ligeiro, sonoro e impactante poema desta edição é da Marina Taborelli e Silva, jovem escritora cuiabana e se intitula **Na lata**. Damos as boas-vindas à Marina e esperamos que ela se torne escritora e leitora adepta ao nosso suplemento.

O tecido literário de Luciene Carvalho é analisado em dois textos: na resenha **Por uma poética da melanina**, escrita por Paula Simone Fernandes Esteves e no artigo **Na Pele**, de **Luciene Carvalho (2020) – a representação poética e política da mulher negra**, escrito por Maria Cleunice Fantinati da Silva e Elisabeth Battista. Nesta edição, por meio destes dois textos, os leitores poderão conhecer um pouco mais da obra **Na pele**, com qual Luciene Carvalho colabora para que o silêncio da mulher negra não se perpetue.

Last but not least, apresentamos aos nossos leitores uma nova seção: **Literamato**, um bordado muito bem executado com fios de diversos escritores, pesquisadores e incentivadores de literatura. Esta seção trará, em cada edição, uma resenha de um dos livros do Projeto Literamato II, desenvolvido numa parceria entre o PPGEL/UNEMAT, a AMISCIN e a FAESP. Em 2021, o Literamato I viabilizou a reimpressão de 12 títulos, totalizando 12.000 livros para distribuição gratuita. O Literamato II, que está em andamento em 2022, lança, gratuitamente, mais 10.000 livros de autores de Mato Grosso. O projeto prevê, ainda, a formação de professores, no segundo semestre de 2022, para a realização de atividades com os alunos do ensino médio. O projeto volta-se para as escolas públicas do Estado e IFs.



Claudia Zortea

Sumário

Editorial

3 *Claudia Zortea*

Amazônia Legal (poema)

4 **Na lata**
Marina Taborelli e Silva

Carta ao escritor

6 **Carta à escritora Divanize Carbonieri**
Clube da Leitura

Conto

10 **Correnteza**
Divanize Carbonieri

Literamato (resenha)

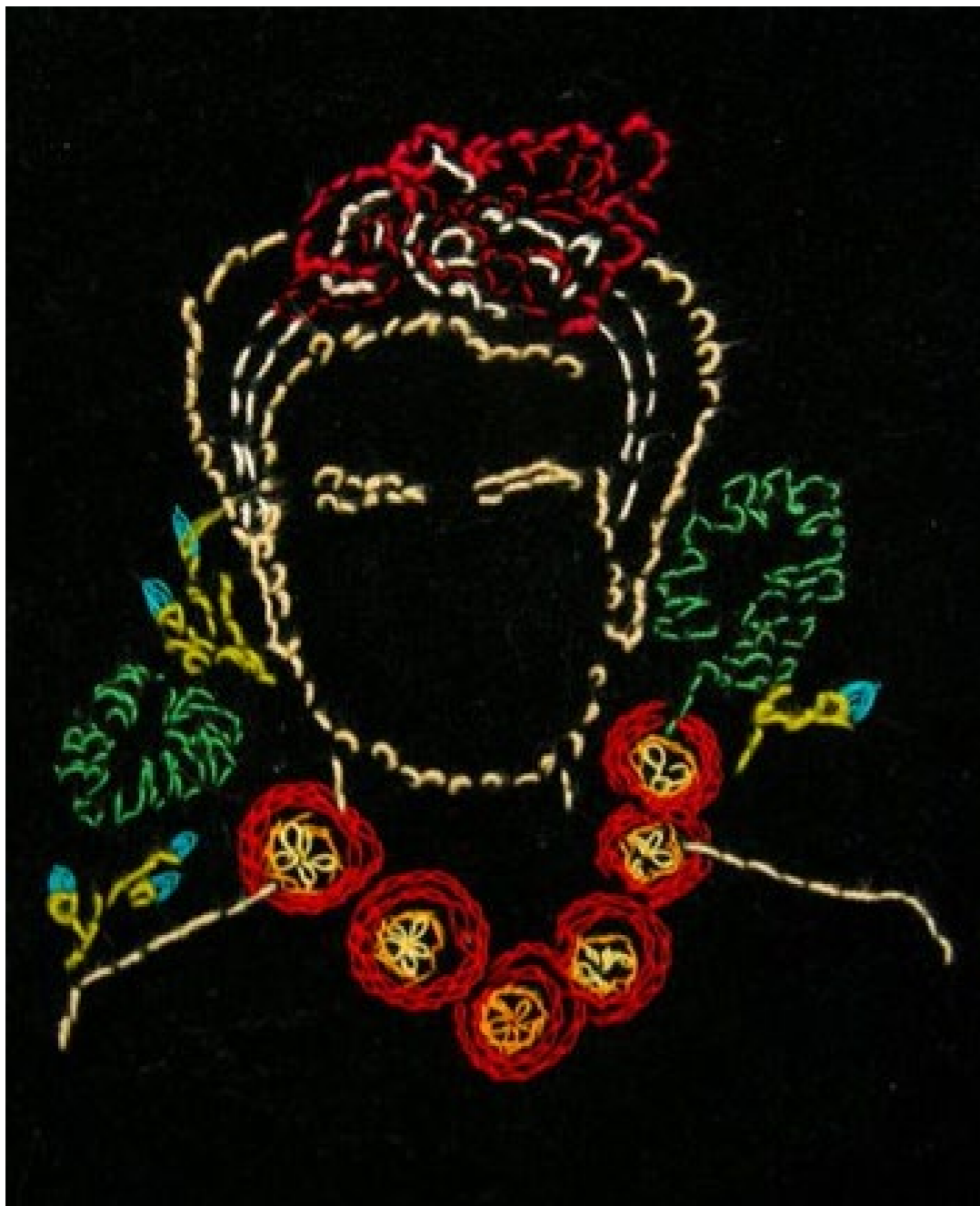
12 **Por uma poética da melanina**
Paula Simone Fernandes Esteves

Ensaio

14 **Falas, desejo e movimento**
Lucinda Persona

Artigo

17 **Na Pele, de Luciene Carvalho (2020)**
A representação poética e política da mulher negra
Maria Cleunice Fantinati da Silva e Elisabeth Battista



NA LATA

A luta
Que a cada dia mais feria
O leito
Sem o qual no chão dormia
O lote
Com quem produz não se dividia
O luto
Que se faz por quem nem sempre merecia
A lata
Na qual este poema eu jogaria.



Marina Taborelli e Silva

Nasceu em 1999, cuiabana de tchapa e cruz. É bacharelanda em Direito pela Universidade Federal de Mato Grosso. Tem participação na coletânea Esperança Cercada - Cadernos Marginais de Filosofia, Literatura e Direitos Humanos [v. 1], Editora Fi.

marinataborelli.silva@gmail.com



Carta à escritora Divanize Carbonieri



Clube da Leitura

O Clube da Leitura – Viajantes do Conhecimento – é constituído por alunos de Ensino Médio da Escola Estadual Patriarca da Independência situada no Distrito de Progresso, município de Tangará da Serra. Iniciado em 2019 a perspectiva dos componentes é mobilizar a leitura na comunidade escolar e difundir a literatura, especialmente a produzida em Mato Grosso.

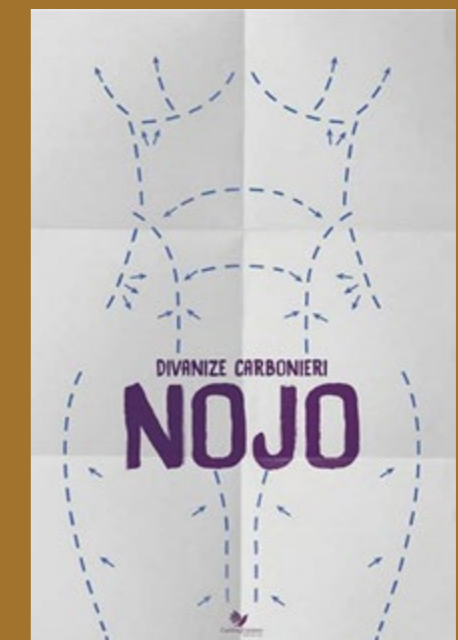
Querida escritora, Divanize Carbonieri,

Recentemente fomos lembrados pelo facebook de nosso encontro ocorrido precisamente em 13 de março de 2019, há dois anos. Você se lembra? Estávamos eufóricos, nervosos, tanta era a expectativa, a primeira vez que recebíamos tantos escritores juntos em nossa escola. Bom, o fato é que nem vimos aquela manhã passar, ouvindo as histórias que chegavam até nós daqueles que considerávamos mestres da literatura. O mais fantástico foi descobrir, no fim daquele nosso primeiro encontro, que os escritores são pessoas como nós, gente que também precisou ter muita coragem diante dos desafios da vida. Sabe, foi muito bom ouvir você falar da sua experiência como escritora, conseguimos entender porque o seu texto nos envolve tanto, nele há sempre muito da sua humanidade, da forma como você interpreta o mundo em que vivemos. Até então, tínhamos lido seus poemas, os quais nos serviram de fonte de inspiração para muitas de nossas reflexões e atividades no Clube de Leitura, tínhamos lido também o livro *Passagem Estreita*. Você cria personagens muito inspiradoras, apesar de representarem na maioria das vezes aquilo que mais dói em nossa sociedade, como é o caso de "Fia" personagem do primeiro conto desse seu livro. Dele vários outros contos também nos serviram de inspiração para nossas muitas conversas, como "Mesa Redonda" que fala da dificuldade de aceitação da mulher fora dos padrões ditados pela sociedade, e as vezes isso está tão profundamente imposto que a própria mulher assimila o discurso negativo sobre si mesma, olha esse conto deu o que falar entre nós. Outro que gostamos muito foi "Pantera". Que narrador aquele! Gostamos muito porque o narrador parecia uma pessoa simples, dessas muitas com as quais convivemos por aqui, das quais as vezes se pensa sem conhecimento, mas logo a gente percebeu se tratar de alguém muito sábio, são as ciladas da linguagem né? Nós percebemos também que todos os contos desse livro são construídos em torno de personagens femininas e representa a luta que as mulheres precisam enfrentar diária e historicamente. Isso até você nos presentear com *Nojo*. Não sabemos se você sabe, mas ficamos todos na expectativa, a professora

disse que vinham dois exemplares, tudo bem, estamos acostumados a fazer o livro rodar. Mas quando chegaram descobrimos que cada um ia ter o seu próprio livro. Fizemos uma festa que você nem acredita. Para falar a verdade, no começo a gente estranhou pra caramba, aquele texto sem pontuação parecia difícil de ler, mas logo entendemos a jogada, o livro se transformou numa composição de muitas vozes, vozes que acusam e apontam os defeitos dos outros de forma dura e até desumana. A gente concluiu que a Divanize Carbonieri quando explora o lado mais feio da vida quer na verdade mostrar que talvez estejamos todos do lado errado, em vez de construir pontes, nós todos, porque somos nós que formamos a sociedade, estamos apenas levantando barreiras. Barreiras muito altas, quase intransponíveis. A sua escrita então se torna para nós fonte de inspiração para tentar fazer diferente, a gente pode fazer melhor, não é? As personagens que você cria nos contos mostram isso, que sempre podemos fazer melhor, e que na verdade precisamos fazer melhor, e é nisso que estamos acreditando. Para finalizar, queremos saber o que você anda planejando? O que virá de novidade nesse ano? Você pode contar só pra nós a gente jura que não espalha. No mais queremos dizer que estamos todos bem, todos espalhados pelas Universidades e trabalhando também, porque você sabe que a vida não é mole. Mas, continuamos nossas atividades de leitura, nosso grupo continua por aqui firme e forte, agora com novos componentes que você conhecerá em breve. Quando você vir novamente para Tangará faremos questão de um encontro, nos avise em tempo para nos organizarmos. Sentimos muita saudade e esperamos breve reencontro.

Abraços demorados de seus leitores

Tangará da Serra, 15 de março de 2022



PASSAGEM ESTREITA

Autora: Divanize Carbonieri
Editora: Carlini & Caniato
Publicação: 2020
Páginas: 96

NOJO

Autora: Divanize Carbonieri
Editora: Carlini & Caniato
Publicação: 2019
Páginas: 128



Clube da Leitura – Viajantes do Conhecimento



CORRENTEZA

Deitada no fundo da canoa, entrevia o nuançado cambiante do firmamento enquanto fechava e abria os olhos. De quando em quando, inspirava fundo e suas mãos agarravam-se à borda da embarcação com força. Mais uma vez era feita cativa por seu corpo, que procedia em conformidade com o próprio arbítrio. Fiava-se de que tudo passaria novamente com celeridade. Quantas outras antes? Não permitiu que as lembranças se achegassem. O ido raramente tem boa serventia no presente. Só presta para alumiar que ocorrências ruins se repetem. Por vezes, era arremetida por tremores e pontadas. Sentia o couro queimar e de todas as partes do rosto escorriam gotas de suor, que também brotavam do pescoço e encharcavam o peito. Uma eternidade, mas nem tanto. Sabia por seguidas provações que era melhor descuidar do pensamento e estar ali como se não estivesse até que tudo viesse a termo. Nada daquilo deveria se dar. Nunca. Mas tinha a sensação de que o corpo estava prestes a romper. Como um ramo de árvore que se parte ao sustentar um fruto verdeengo, mas já muito massudo. A intensidade da dor

aumentava e passava a ser impossível se manter aquietada. Erguia o tronco numa torcedura quando atingia um pico e depois se deitava ao obter alívio. Nesse desassossego contínuo, empenhava-se para não emitir ruídos. Gemer era coisa por demais indigna. Mesmo estando só, não sucumbiria dessa forma. Aquilo seria apenas passageiro e logo estaria de volta, galopando e pelejando, como bem estimava. Não era mulher em que se pusessem correias permanentes. Sempre campeando, pousando ao relento. Nada como Suirami, que se deixara enredar. Desde os nove anos juntas. Irmã de batalhas. A mais corajosa, a mais calejada. Suirami, com quem tinha aprendido tudo o que sabia sobre cavalos, garruchas e machos. Um dia Suirami se foi. Já fui muito de guerra, quero agora ser de paz, ela tinha dito. Quero estar com este que está abeirando e com todos os outros que me vierem depois. Muitos. De diferentes estaturas, ao redor de mim. Levo o que vivemos sempre comigo. Ouviu tudo como se não fosse verdade, como se fosse só o silvo da rajada zunindo rente aos ouvidos. Permaneceu olhando obstinada para frente. E Suirami partiu sem que lhe

desejasse boa fortuna. Boa fortuna. Não para tal destino. Mas não seria igual. Passaria por tudo aquilo do mesmo modo que nas ocasiões anteriores. Ilesa. Intocada pelo tormento passado. Fazia muita força agora, tanta que todo o entorno desaparecera. Foram várias tentativas malsucedidas, a ponto de rezear que algo estivesse comprometido. Será que sua vida findaria ali, rendida como nunca antes? Mas quem só conta consigo mesma para subsistir não pode se acoitar na covardia. E logo grande parte do volume deslizou para fora numa efusão vigorosa de sangue e outros líquidos. Com a cabeça recostada novamente, ouviu o que lhe pareceu o ganido de cachorrinhos separados da mãe e se lembrou da cadela que morreu depois de parir. Não podia fazer nada pelas crias, pequenas demais para serem alimentadas por mãos humanas. Durante três dias ouviu seu choro faminto enquanto as assistia se amontoando umas nas outras em busca de calor. Aveludadas e tenras. Como uma novidade para quem está habituada ao velho. Vai e afoga esses bichos por misericórdia, tinham lhe rogado. Mas não teve pulso, e morreram mesmo de inanição. Por aquela hora, a que chegou percebia que já tinha estado ali antes, embora fosse tudo ainda enevoado e tremeluzente. Uma lástima estar de volta. Depois de quanto tempo? Esperava ter a dádiva de partir em breve. Da última vez não tinha se retardado muito. Agora estava atada àquela mulher. Seguro que o afeto dela a sufocaria. Não tinha precisão disso. Não suportava mais o fardo das relações sanguíneas. O ar que sorvia fazia suas narinas arderem. Sentiu a clausura do corpo e se entristeceu. A outra parecia ter recuperado o fôlego. Sentou-se por fim, extraiu o que restava

daquela massa dentro de si, seccionou o cordão com os dentes. Por que o sangue rescende a algo antigo? Quando uma pessoa perece sangrando também exala assim. O cheiro do nascimento é o mesmo da morte. Tentava se dedicar aos gestos necessários e abstrair os gritos, que se tornavam mais agudos e reverberantes. Sem deter o olhar em parte alguma, tomou finalmente no colo o amontoado que se agitava com braços e pernas ainda descontrolados. Equilibrando a figura no comprimento do antebraço, aproximou-a lentamente do arroio, que lambeu com calma suas extremidades. Talvez porque a água estivesse amornada depois de um dia todo de sol, talvez por simples nostalgia de outro meio mais gentil, a recém-nascida se aquietou e adormeceu. O sonho começou com a sensação de que a ventania rugia por sua face e membros. Como se o paredão de ar se dividisse em dois. O horizonte era ainda escuro, mas sentiu a vibração quente da coisa viva entre as pernas. Um cavalo. E o panorama se abriu a sua visão. Foi inundada pelo já conhecido deleite de percorrer a galope a imensidão da invernoada. Algum contentamento enfim. A adulta deixou que as marolas fossem lavando pouco a pouco as graxas que besuntavam aquela carne nova. Queria que estivesse completamente limpa, purificada do embrenhar-se sangrento no mundo. Libertada dos odores. Enquanto isso, mirava o arrebol e antecipava a excitação que sentiria quando pudesse novamente varar o vento numa montaria veloz. É bom campear sem paradeiro. Mergulhou o braço e deixou que aquela forma repousasse abaixo da superfície por alguns instantes. Então a despreendeu e observou o pequeno invólucro sendo levado inerte pela correnteza.



Divanize Carbonieri

O conto "Correnteza" de Divanize Carbonieri compõe o livro *Passagem Estreita*, obra selecionada entre as cinco finalistas do Prêmio Jabuti 2020. *Passagem Estreita* traz a seguinte apresentação da autora: é doutora em letras pela USP e professora de literaturas de língua inglesa na UFMT. [...] Foi finalista do Prêmio Guarulhos na categoria Escritor(a) do Ano em 2020 e, no Prêmio Off Flip, foi segunda colocada na categoria conto na edição de 2019 e finalista na categoria poesia nas edições de 2009 e 2018.

POR UMA POÉTICA DA MELANINA

Quem já leu a poesia de Luciene Carvalho bem sabe que é uma leitura que desacomoda pela força das palavras, pela potência de sentidos que exalam dos seus versos. Uma poesia que chega como avalanche e desperta silêncios, areja a mente, dilata os poros. **Na pele**, livro publicado em 2020 pela Carlini & Caniato, escrito em plena a pandemia e seu desconfortante isolamento e que compõe as obras do projeto Literamato II, apresenta uma voz que se espraia em várias outras constituindo-se numa energia a se expandir num grito negro há muito sufocado. O eu poético de Luciene nos conduz na fronteira da pele, nos faz seguir os percursos de uma pele/consciência, na “rota da melanina”. Itinerário poético a principiar-se no *Navio Negroiro* (primeira parte do livro), transporta vozes que agora saem de seu estado de torpor no fluxo de um mar negro desperto pelo bradar poético, o qual adverte que não é mais possível se calar, que é preciso ocupar o seu “lugar de fala”, marcação essencial para se reconhecer realidades silenciadas e esquecidas (Ribeiro, 2019). A realidade da pele negra está esculpida nos versos de Luciene Carvalho, veleja nas páginas deste livro o brado sufocado, que agora tece outros clamores ocultos.

As vozes da pele atravessam as fronteiras e convocam os seus fraternos a romper o mutismo constrito, é preciso dizer, é preciso agir. O poema é o campo de batalha, a palavra é a arma, a palavra é ação, segundo



Sartre (2004). A voz luciênica entra em combate pelas vias da arte, se faz voz na poesia, “faço estes poemas / E, agora, me ouvirão cantar.”, abre os porões do navio “pra falar do horror”, da opressão, do preconceito de séculos que esse “sangue negro” vivencia ainda hoje.

Esse navio, metonímia da palavra, atravessa o mar para dizer de sua “sina” social, histórica, cultural; para reerguer, nesse enlace epidérmico, a sua ancestralidade negra. Nesse navegar poético, os versos delatam os estigmas, a violência do corpo, da

pele, do ser - quantas mais “preta multifunção”, “Marielle”, “encardida”, questiona o eu poético. Todas as comportas do navio estão abertas e delas jorram os silêncios, jorra a poesia-combate.

Do *Navio Negroiro* vamos ao *Tronco*, a segunda parte do livro, onde a memória é convocada para falar que “ser negro ainda dói”, para registrar a falácia “de que todo mundo é igual”, para indagar “como reverter o processo”. O mesmo tronco da violação do corpo negro é o tronco que anuncia a necessidade do eu poético, que “Urge que eu trate/ o meu afeto; / que vá ao fundo / do meu mundo preto.” O tronco é o corpo que estremece e faz reverberar o clamor dos negros e negras do quilombo, expõe, em sua grossa casca, o universo que a pele negra carrega em si. Nessa poesia que apruma o caule

rotundo do som do açoite, faz “o despertar do pasto”, sustenta a memória do peso da cor. Nos poemas inscritos nesse tronco espreitamos que a haste que sustenta a bandeira negra, às vezes se verga ante a “tanto joelho no pescoço”, mas sabe que precisa assumir “o novo compromisso / de combater / tudo isso”.

A última parte, *Quilombo Geral*, a convocação se concretiza, o eu poético realiza no seu poetar o ajuntamento do povo preto, convoca sua ancestralidade à urgência da ação, de começar “nova rota” ao preto que tanto sofreu e que agora precisa afirmar que “A Era Afro acontecerá / plena de um povo mais feliz”.

O eu poético não fala apenas por si, profere para/por todos os antepassados. Constrói um versejar que revigora a ancestralidade erigindo consciência nos de hoje para se posicionarem na luta. Lança um sopro ao ouvido - é preciso unir o quilombo da melanina e (re) significar o Brasil, reivindicar a “Pele do dia”, encher de esperança a “geração Afro”. Numa poesia frenética e

ritmada, que toma um tom de música protesto, o eu luciênico almeja levar o negro a tomar a “rota certa”, rumo à libertação e fazer ver que agora “É Quilombo Geral!!!”

Da afirmação de Antonio Candido (2011, p. 177) de que “a literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas.”, confirmamos que **Na Pele** de Luciene Carvalho engendra um eu poético que vem para falar de si e dos seus irmãos negros num tom de denúncia, de combate, a manifestar a dor da pele, a levantar as vozes adormecidas na urgência da cútis negra de ser ouvida. Nos 50 poemas do livro, os quais apresentam uma estrutura um tanto verticalizada, como a fundar os pilares de um quilombo que se (re) edifica, como a (re) compor frações de pele negra decepadas pelo descaso histórico, a palavra alinhavada da poesia vai costurando esse corpo negro, que agora assoma além da epiderme, exala nos poros, se projeta em todos os versos, na poesia que se faz na pele negra.

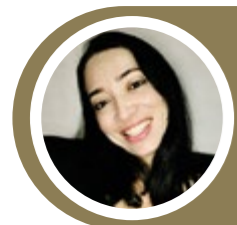
Referências

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: *Vários Escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

CARVALHO, Luciene. *Na Pele*. Cuiabá – MT: Carlini & Caniato Editorial, 2020.

RIBEIRO, Djamilia. *Lugar de Fala*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

SARTRE, Jean-Paul. Que é escrever? In: *O que é a literatura?* São Paulo: Editora Ática, 2004.



Paula Simone Fernandes Esteves

É doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Unemat (PPGEL- Tangará da Serra). Atua como professora da Educação Básica (SEDUC – MT), desenvolve pesquisa nos estudos da lírica contemporânea, literatura brasileira produzida em Mato Grosso, Literaturas africanas de Língua Portuguesa e autoria feminina

paulafetga@hotmail.com

FALAS, DESEJO E MOVIMENTO

*Formas, desenho
que tive, e esqueço!
Falas, desejo
e movimento
- a que tremendo,
vago segredo
ides, sem medo?!*

(Cecília Meireles, 1983)

Neste ensaio, tendo no horizonte um pouco de minha trajetória enquanto escritora, estarei me aproximando do tema proposto na mesa-redonda: “Ser mulher na Literatura: autoria desejada”, no II Simpósio de Poesia Contemporânea de Autoria Feminina do Norte, Nordeste e Centro-oeste, realizado em 28 de outubro de 2021 pelo PPGEL/UNEMAT em parceria com a UNIR.

As questões levantadas no referido evento atravessam outras questões, tocam vários pontos, próprios da experiência da escrita. Certamente, um grato assunto que me movimenta do presente ao passado para resgatar coisas e signos. E o faço com os olhos cheios de paisagens e fatos remotos; com os olhos cheios de tempos distantes, quando eu era uma menina que bordava olhares perdidos na rua onde morava e que comeu terra antes de conhecer a geografia do planeta, com seu vestuário de nuvens. Uma menina que amava observar os dias se levantarem e se deitarem, tanto no horizonte quanto em seu coração.

Um coração assombrado com o sol e a lua a ganharem suas formas.

Esse deslocamento no terreno da memória, põe-me em conexão com algo daquilo que atravessa o fundo intimismo do “Auto-retrato” de Cecília Meireles, razão pela qual recorto de seus versos o título em tela.

Dessa maneira, seguindo sob o amparo de Cecília, em “Baladas Para El-rei”, é: “*lá na distância, no fugir das perspectivas*” que vou aportar. Lá na infância, onde se enraízam muitos desejos, detenho-me no momento do primeiro vislumbre do que seja “autoria” em seus termos menos complexos, desvinculados dos questionamentos e proposições envolvendo o conceito de autor, objeto de estudos e considerações por uma série de pesquisadores. Basta lembrar Roland Barthes, em “A morte do autor” quando aponta:

“ (...) a escritura é a destruição de toda voz, de toda origem. A escritura é esse neutro, esse composto, esse oblíquo pelo qual foge o nosso sujeito, o branco-e-preto em que vem se perder toda identidade, a começar pela do corpo que escreve. Sem dúvida sempre foi assim: desde que um fato é *contado* para fins intransitivos, e não para agir diretamente sobre o real, isto é, finalmente, fora de qualquer função que não seja o exercício

do símbolo, produz-se esse desligamento, a voz perde a sua origem, o autor entra na sua própria morte, a escritura começa”. (BARTHES, 2012, p. 57, 58).

Ao lançar mão deste instrumental conceitual, tenho em vista apenas retomar a distância que às vezes nos separa daqueles encontros que nos movem e de certa forma nos separam do conhecimento maior.

Aos oito anos de idade, ao abrigo da intensa luz da manhã, eu estava numa sala de aula do segundo ano do curso primário, em meio aos outros alunos. Ouvia da professora, sem dela tirar os olhos, a leitura de uma história infantil de conteúdo lúdico-maravilhoso. Estávamos atentos àquela fantasia, num evidente ar de encantamento, saboreando a linguagem sonora e colorida na qual cada palavra deslizava por caminhos diferentes no mais profundo da imaginação. Ao fim da leitura, a mestra citou o nome da autora e naquele exato momento, saindo de minha concentração, sem querer fazer alarde, na verdade murmurando, indaguei: “o que é autora?”

Embora eu já estivesse lendo desde os seis/sete anos, ainda não me era clara a ideia de alguém atrás do texto, a ideia de um autor. E foi uma surpresa saber o significado (mais geral e consensual) desta palavra, longe da complexidade na qual está mergulhada. O fato de ser uma mulher também me chamou muito a atenção.

Eu soube, a partir daí e de modo cada vez mais nítido, que naquele momento fora plantada a semente de um desejo. A semente do “desejar ser autora”, e quem sabe escrever histórias mágicas como aquela.

Este fato, vindo de tão longe, das alamedas da infância, expressa a percepção mais concreta e consciente do meu querer escrever e de minha identificação com o ofício. Desse modo, tendo em conta que eu já era outra menina, aquela que alcançara a fronteira de uma alegria, destaco o acontecido como uma espécie de passaporte para a fabulosa viagem da escrita.

Devo lembrar que às vezes ao longo da

existência somos apressados em nossos desejos, como me aconteceu aos seis anos de idade o anseio urgente de aprender a ler. Entretanto, na escrita, encarando-a com realismo, não houve pressa. Sempre estiveram presentes o desejo, a necessidade, o prazer e a inquietação. Um processo que continuamente tem sofrido reflexões, desafios, interrupções e amadurecimento.

Embora o “insight” tenha acontecido na prosa, foi a poesia a monopolizar meus sentidos, quase na mesma época, ou um pouco depois, aos nove anos de idade, quando devota, lancei-me ao consumo de papel e palavras e comecei a recheiar páginas e páginas com pequenas composições. Enquanto o clássico personagem da ficção norte-americana, tio Patinhas, mergulhava em seu rio de moedas, minha alma ia fundo num mar de papéis. Certamente, eu estava longe de saber que o grande desafio da escrita é estender o olhar ao mundo e às palavras.

Naquele contexto inaugural, apontando-me tantas novidades, via-me convocada continuamente. Eu dialogava com tudo que se me apresentava aos sentidos. Uma conversa estranha na qual nenhuma palavra ao pé da letra quebrava o silêncio transitando entre boca e boca. Muito embora meus interlocutores usassem seus sons próprios, como o vento nas diversas modulações ou as abelhas na efervescência dos zumbidos. Comportava-me como uma serena pesquisadora da natureza.

A experiência vivenciada no campo (nasci numa fazenda no norte paranaense) foi altamente significativa, pela oferta da biodiversidade, servindo também para mostrar que o exercício da contemplação tem um potencial a ser explorado constantemente. Ao evocar a imagem da menina de três, quatro anos, vejo-a cozinhando o tempo no frequente fogo brando das manhãs e das tardes do sul.

O olhar demorado era determinado pelo apreço às coisas da terra, aos protagonistas da flora e da fauna. Protagonistas vários deste mundo vário. Usávamos a linguagem comum do silêncio para que pudéssemos nos conhecer, compreender e amar. Uma linguagem que permanece no decorrer dos anos.

Justamente o tempo, para mim, tem sido insuficiente quando se trata de observar o que me cerca. De um lado, estão as concentrações cada vez mais demoradas no objeto de poesia, de outro, a angústia provocada pela vontade de dizer e o modo de fazê-lo.

Na relação com o mundo e a escrita, quero reiterar que: sou um ser, desde sempre e perpetuamente desejante de poesia, um coração aberto a mil e um chamados, aos quais atendo elaborando a partir de um determinado espaço/instante da realidade. Não tenho ainda claros os traços mensuradores de minha poética. Entretanto, a aproximação é sempre de um eu-urbano, com pendor ao cenário atual, retratando tudo o que me atinge. E neste todo, o cotidiano se destaca como um grande centro de emanções poéticas.

Tenho sido inseparavelmente poeta e cidadã comum que lava, passa, espana móveis, faz chá, cozinha arroz, vai ao supermercado, compra alface e bananas.

Sem querer dar saltos, reorganizo o percurso.

De repente, a infância e a adolescência vividas na terra natal ficaram para trás. Na metade dos anos 1960, nove meses após a instauração da ditadura militar brasileira, vim para Mato Grosso com meus pais e irmãos e nos fixamos em Cuiabá. Conforme expressei no discurso de posse na Academia Mato-grossense de Letras, a busca de novas oportunidades de trabalho, reforçada pelo eterno fascínio de novas terras, foram razões pelas quais meu pai trouxe a família para a capital deste vasto Estado, então sob o governo de Fernando Corrêa da Costa.

Uma mudança surpreendente. Afinal, avançávamos para o centro geodésico da América do Sul. Aqui aportamos numa tórrida tarde de 2 de fevereiro de 1965, diante da plena possibilidade de experimentar o acontecer tranquilo da cidade, do povo, do rio e da vegetação, estando alhures o cerrado e o pantanal. Um habitat generoso ao qual me integrei de corpo e alma, preenchendo necessidades profundas de relação com a natureza.

Muita coisa foi acontecendo pelo caminho: a Faculdade (graduação em Biologia), o Mestrado, em área específica, o trabalho, enquanto professora na Universidade Federal de Mato Grosso e depois na Universidade de Cuiabá.

Paralelamente a todas essas atividades, escrevia e lia. Acumulava escritos (poemas, contos, crônicas). Explorava a força comunicadora de cada palavra, enfrentando os grandes questionamentos íntimos, questionamentos quanto à qualidade dessa escrita necessária, causadora de bem-estar, mas exigente em termos de consistência, harmonia, vitalidade, lucidez, energia e tempo.

De certa forma, ao longo dos anos, não foi fácil conciliar a escrita com a dedicação exclusiva à docência e à pesquisa. Isto resultou numa expansão mais demorada, mais lenta, de minha produção.

Todavia, em dado momento, as intenções literárias que me animavam se acentuaram. Comecei a participar mais do cenário local, indo a lançamentos de livros (raros na década de 80), inscrevendo-me em concursos literários e colaborando com a imprensa (jornais e revistas) publicando crônicas e contos.

No início da década de 90, já estava em andamento meu projeto de publicação do primeiro livro de poesia. Descontando a constante luta com a palavra em si, talvez tenha sido essa etapa a de maior desafio, o da publicação, da busca de Editoras quando em Cuiabá as mesmas estavam em fase de implantação.

Vale dizer, ao dar os primeiros passos para editar o primeiro livro: "Por imenso gosto" (1995), o contexto era realmente bastante diverso do atual. Exigindo que eu me organizasse em tal sentido. A única editora então, em Cuiabá, era a recém-nascida (1992) EdUFMT, cuja política editorial definia-se apenas para os textos didáticos e acadêmicos.

Finalmente, através de contatos com a escritora e poeta Marília Beatriz de Figueiredo Leite e sua grande amiga, a poeta

Olga Savari, no Rio de Janeiro, cheguei ao meu primeiro editor Massao Ohno, em São Paulo. Outros contatos possibilitaram a edição de mais 4 livros com a editora carioca 7Letras. Atualmente, minhas publicações são realizadas com a Entrelinhas, radicada em Cuiabá. Com isso, minha produção poética se aninha em sete volumes.

Sabemos, cada livro vai deixando suas marcas na trajetória do escritor. Assim, todas as publicações me foram importantes, pelo aprendizado, pela oportunidade de ampliar o rol de leitores, pela oportunidade dos retornos dessas leituras, enfim, pelas inúmeras emoções inerentes ao desafio de quem se lança no exigente mundo da escrita. Desafio que em suma correspondeu: ao enfrentamento da escrita em si, em favor da qualidade; à conciliação da escrita com outra profissão de segura rentabilidade; à publicação e seus percalços; à difícil comercialização/saída do livro, tanto no estado quanto em todo o país.

Nesta viagem através da escrita, num quarto de século de carreira, e procurando ver as coisas com absoluta isenção e necessária autocrítica, concluo que há poucas certezas e muitas dúvidas.

Penso que o escritor só pode exercer convenientemente seu ofício se estiver concentrado em torno de propósitos básicos relativos à literatura, podendo corresponder, na prática, à necessidade de comunicar e conseqüentemente congregando opiniões, fortuna crítica.

Ainda não escrevi o bastante que almejo. E aqui não me refiro à quantidade, mas sim ao que concerne às reservas, ao estoque de matéria-prima que detenho. Por outro lado, também não alcancei expansão considerável do que já produzi. Algo que no fundo faz parte do sonho de todo escritor.

Uma convicção maior sempre animou meu espírito, a do amor pela escrita, usando-a como força de desenvolvimento do ser e estar no mundo. A palavra é uma companheira surpreendente, inigualável. Escrever é uma premência em qualquer lugar onde esteja. É a minha forma de estar bem. De estabelecer conexão com o outro, seja próximo ou distante, estranho ou conhecido. Tenho a poesia como um organismo vivo, em permanente mutação e faço desse fenômeno um instrumento de felicidade e progresso espiritual.

Ao finalizar essas considerações, cujo propósito já fora dado no início, relativo ao "Ser mulher na literatura: autoria desejada", e caminhando entre realidades e aspirações, coloco-me numa situação semelhante ao sujeito lírico da "Canção quase inquieta" de Cecília Meireles, cujos versos iniciais tão bem simbolizam estados opostos marcando-me o compasso. Um compasso que leva sobretudo emoções, sentimentos, miragens, e que encontra sentido na própria poesia, sem pousar no concreto, tão convocado pelo mundo.

De um lado, a eterna estrela, / E de outro a vaga incerta, / meu pé dançando pela / extremidade da espuma, / e meu cabelo por uma / planície de luz deserta. / Sempre assim: / de um lado, estandartes de vento... / - do outro, sepulcros fechados. / E eu me partindo, dentro de mim, / para estar no mesmo momento / de ambos os lados. (MEIRELES, 1983, p. 81).

Referências

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

MEIRELES, Cecília. **Flor de poemas**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1983.



Lucinda Persona

Escritora, Poeta, Bióloga (UFMT), Mestre (UFRJ), Professora aposentada (UFMT / UNIC). Ocupa a cadeira nº 4 da Academia Mato-grossense de Letras. Com sete livros publicados (poesia), obteve, em três deles, premiação da UBE. Dois títulos publicados na literatura infantil. Integra antologias e revistas literárias.

lucindapersona@gmail.com



NA PELE,

DE LUCIENE CARVALHO (2020)

A REPRESENTAÇÃO POÉTICA E POLÍTICA DA MULHER NEGRA

Que tiro foi esse???
Que tiro foi esse???
Perguntava alienado meu país.
Que tiro foi esse???
 [...]
 Essa nega, há dois anos,
era a voz de 46 mil votos,
eco de milhões de outros.
Que tiro foi esse?!?
 (CARVALHO, 2020, p.47)

Num contexto marcado pelo conflito de interesses e disputas por espaços de poder, o olhar poético da autora Luciene de Carvalho volta-se para eventos impactantes que marcaram o cenário político brasileiro contemporâneo. O poema “Canção noturna para Marielle Franco”, é um tributo à atuação da referida vereadora negra que teve a sua vida prematuramente ceifada em um inexplicável assassinato. O eu poético inquieto e alvoroçado emerge na poesia engajada como arma de expressão.

Quando a voz do subalterno começa a ter força, a representatividade política da mulher negra irrompe em um espaço dominado pela hegemonia masculina encontra forte resistência. A presença

incômoda de sua voz reivindicatória representou uma ameaça que culminou com o silenciamento permanente da sua atuação. Tiraram-lhe a vida. O silêncio imposto a qualquer custo converte-se em poesia que traz à tona o grito, que ecoou em todos os quadrantes do ocidente e levantou outras vozes, uma vez que:

[...] O tiro atingiu a preta,/ a mulher e a menina; / atingiu a mãe e a filha, / o gay, @trans, a lesbiana, / o motorista, / o gari, / o moleque da maré. /Que tiro foi esse???! Que espalhou mais que morte, / acordou todo o país/ num movimento reverso/ que conto/ de um jeito FRANCO/ na pouca voz do meu verso. (CARVALHO, 2020, p. 47-48).



Maria Cleunice Fantinati da Silva

Professora no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Mato Grosso - Campus avançado Tangará da Serra-MT. Doutoranda em Estudos Literários (PPGEL -UNEMAT), Linha de pesquisa “Literatura e vida social em países de língua oficial portuguesa”.

<https://orcid.org/0000-0001-8160-4364> cleufansilva@hotmail.com



Elisabeth Battista

Docente no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, da Universidade do Estado de Mato Grosso – PPGEL/UNEMAT. Pós-doutorado pela Universidade de Lisboa (UL) e Pós-doc Sênior pela Universidade de Aveiro (UA). Doutorado e Mestrado em Letras (USP).

<https://orcid.org/0000-0002-6334-9256> lisbatys@gmail.com

Luciene colhe, da força do cotidiano, um trágico e imprevisto acontecimento e faz deste a sua matéria poética. A sua expressão literária mobiliza afinidades profundas em torno de um sistema da vida social e transforma-se em arte política, segundo PAZ (1996, p.271), a revelação poética resulta da inspiração que é uma manifestação da alteridade constitutiva do homem, pois ela surge concretamente pela palavra que é o meio de que o homem dispõe para fazer-se outro.

A literatura, na integridade do seu espírito criador, existe para impedir que o silêncio se perpetue, visto que em Antonio Candido (2000), ela nos é apresentada como resultado de um processo de civilização, na qual os indivíduos criam uma associação cultural e uma identidade nacional. Neste sentido, a consciência dos escritores interliga-se ao grupo social, étnico, racial as quais pertencem e suas produções se firmam no compromisso de escreverem para esse grupo particular.

Ao refletir sobre as relações de gêneros nos deparamos com a naturalização das desigualdades no processo histórico da humanidade, que é resultante das vivências hierarquizadas entre o masculino e o feminino. Simone Beauvoir (2000, p. 14), ressalta que Aristóteles considerava que o caráter das mulheres tinha certa “deficiência natural.” A humanidade é masculina, visto que a “fêmea é inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro.” A mulher resta-lhe a posição de inferioridade em relação ao homem.

Entretanto, ao tratar as relações raciais, focalizando negros e brancos, segundo Ribeiro (2004, p. 88.), são exercidas em total desigualdade e invisibilidade para os negros. Ao nos defrontarmos com a realidade das mulheres negras, intensifica-se as desigualdades e opressões, sendo entrecruzadas as questões de gênero e raça.

O livro *Na Pele* (2020), de Luciene Carvalho, nasce num momento em que o mundo é surpreendido por uma crise sanitária sem precedentes, gerada pela pandemia, segundo a poeta, foi, neste momento, que sua garganta, o seu cento de comunicação, entrou em colapso e;

[...] meu coração de poeta percutiu numa batida que me atravessou inteira: eu queria falar sobre ser preta, queria dialogar com os pretos de hoje; [...]. Na TV, estarecida, vi os joelhos sobre pescoços negros: sincronidade: eu também não estava conseguindo respirar... (CARVALHO,2020. In Orelha do Livro).

Neste livro, Luciene Carvalho, assume a dor histórica de pertencer à raça negra no mundo. Não consegue respirar e sua poética entra em sintonia com George Floyd que está sem respirar, sendo sufocado pelo joelho de um policial branco de Minneapolis, Estados Unidos.

Segundo Vilalva (2020, p. 11), *Na pele* “É mais do que falar da escravidão. É mais do que exprimir o ódio do racismo violento.” Trata-se da poética do fazer reconhecer-se enquanto sujeito – “Essa é a regra:/ sou negra. / A senha secreta? / Sou preta/ e não é codinome. / Não sabe que palavra usar/ quando quer me chamar? / Que tal meu nome?” (CARVALHO, 2020, p. 101). A voz poética clama pela sua identidade, ela tem um nome próprio. O poema denuncia o modo pejorativo que as pessoas negras e seus descendentes foram e/ou ainda são chamados. Grada Kilomba (2021, p.158), diz que trata-se de um discurso que coloca as pessoas numa cena colonial. Ao ser chamado por “negro (a), negrinho(a) ou preto(a), pretinho(a)”, o sujeito que ouve é colocado em uma posição de subordinação, ou seja, de

desonra/vergonha, enquanto aquele que pronuncia, garante a posição de poder, honra e orgulho.

Originalmente, a palavra N. deriva da palavra latina para a cor preta: niger. Porém, no final do século XVIII, a palavra N. já havia se tornado um termo pejorativo, usado estrategicamente como forma de insulto para implementar sentimentos de perda, de submissão diante de pessoas brancas [...], quando a palavra N. é proferida, a pessoa que o faz não se refere somente à cor da pele negra, mas também à cadeia de termos associados à palavra em si: primitividade – animalidade – ignorância – preguiça – sujeira – caos etc. Essa cadeia de equivalências define o racismo. (KILOMBA, 2021,p. 156).

Este discurso depreciativo remete ao racismo cotidiano que pode ser visto como uma reatualização da história. Entretanto, a voz poética Luciênica se posiciona e se auto reconhece afirmando que é preta e tem nome. A poesia se torna autoridade.

Retomando o poema, “Canção noturna para Marielle Franco”, a poesia de Luciene Carvalho é denúncia e, nos leva a refletir sobre a eleição e a efetiva presença de mulheres negras na política brasileira. A presença da mulher na política, segundo Lourenço e Franco (2021, p.34-45) é um tema praticamente inexistente, pois “as mulheres negras foram historicamente alijadas dos espaços fundamentais de decisão política,[...]”. Mas, a conquista do direito ao sufrágio foi o primeiro passo para as mulheres exercerem seus direitos políticos. No Brasil, Almerinda Farias Gama, foi a primeira mulher negra a exercer este direito.

Dada a sub-representação de mulheres negras na política (uma constante há quase cem anos), praticamente todas as personalidades retratadas neste livro foram as primeiras mulheres negras a atingirem seus postos. Seja na condição de eleitora, como Almerinda Farias Gama, ou na condição de governadora negra do estado do Rio de Janeiro ou vereadora negra da cidade de São Paulo, como Benedita da Silva e Theodosina Ribeiro, respectivamente. (ABREU, 2021, p. 34).

Mesmo com as dificuldades no campo político ao longo da história do Brasil,

não podemos negar que houve a participação de mulheres. Em suas pesquisas, Abreu (2021,p.33), diz que: “É latente a dificuldade que encontramos ao buscar pelas biografias de mulheres negras que se envolveram na política institucional.” Mas, houve outras mulheres negras como Almerinda que estiveram ligadas nas mais diferentes plataformas políticas ao longo de toda a história do Brasil republicano. Entretanto, Costa (2021, p.12), aponta que em 2020 dos 27% das mulheres autodeclaradas negras no Brasil, apenas 3% delas “ocupam as prefeituras, 5% dentre as escolhidas para assembleias municipais legislativas na última eleição, 2% do Congresso Nacional e 1% na Câmara dos Deputados Federais.” Apesar das recentes vitórias e os imensos desafios que marcam o combate ao racismo e as desigualdades raciais a representação da maior parte da população brasileira está fora de suas instituições políticas.

A poesia de Luciene Carvalho partilha a atitude que exprime seu impulso íntimo. Sua linguagem brota de uma legítima inquietação, aproxima-se do seu leitor e o conclama ao efetivo credenciamento de “gente preta”, em nome da pluralidade

étnica e racial na política brasileira. Com este espírito, o crítico Octavio Paz (1982, p. 344-347), afirma que: “O poeta torna palavra tudo o que toca; o poeta escuta.” A poesia é texto motivado pela atividade de um ser humano; é energia que impulsiona essa atividade, que por ela se transmite ou transforma, a poesia tem o poder transformador, pois trata o leitor com sensibilidade. Então, “Tá feita”, vai a receita Luciênic:

Pra quem não aceita,
aqui vai uma receita:
mais consciência no voto,
mas voto em gente preta
e tá feita a revolta,
sem bala ou canhão.
(CARVALHO, 2020, p.104)

O discurso poético Luciênico, em sua configuração, investe-se do tom coloquial e humanamente prosaico. Vai direto ao ponto, dirige-se à sua comunidade de (e) leitores. Neste sentido, o crítico e poeta Otávio Paz, (2003, p. 40) afirma que “a poesia é um alimento que a burguesia – como classe – tem sido incapaz de digerir. [...] A linguagem do poeta é o de sua comunidade, qualquer que esta seja.” A autora insurge-se, dá forma à comoção que paira sobre o país. Por meio de sua pena, em forma de versos faz o registro literário e questiona o tiro que ceifou a vida da vereadora Marielle Franco. Neste poema os últimos três versos, ainda de forma interrogativa, respondem aos que provocaram sua morte: “Que tiro foi esse/ que, matando uma guerreira, fez nascer uma Heroína?”

A expressão poética dos versos selecionados abre um espaço plural de resistência que deriva para aquilo que defende Jacques Rancière (2010) de que o artista não está separado do restante do mundo, que mesmo a experiência artística

pautada pela autonomia tem como pano de fundo as relações de poder.

O luto assume o valor poético para conscientizar as pessoas que os “votos em gente preta” farão surgir outras “Marielles”, pois “Tá feita a revolta,/ sem bala ou canhão.” Ou, seja, o poema inquieta e mobiliza chamando para a ação, para a revolução que empunha, ao invés de um canhão, o título na mão.

Portanto, quando os espaços políticos forem também ocupados pela presença dos negros(as) certamente abrirá caminhos para uma nova ordem social

e política que, segundo Costa (2021, p.18), será “revolucionária e subversiva aos princípios tradicionais e hegemônicos, através de um modelo político que instaure um novo pacto de reconstrução social e que funde bases para a democracia e a igualdade social.” A poesia de Luciene Carvalho é, sobretudo, um convite para que os negros(as) se posicionem como agentes do processo de transformação e reconstrução da sociedade brasileira que, conforme temos dito, está em curso.



Referências

ABREU, G. O. de. Uma (breve) história da participação política de mulheres negras no Brasil republicano 1930 – 2020. In: LOURENÇO, A. C.; FRANCO, A. (Org.) A radical imaginação política das mulheres negras brasileiras. São Paulo: Oralituras, 2021, São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo.

ALMEIDA, J. T. de; MACHADO, R. C. R. Gênero, Raça e Participação Política da Mulher Negra: da Visibilização à Inclusão. RDP, Brasília, Volume 18, n. 98, 389-413, mar./abr. 2021. Disponível em: <https://www.portaldeperiodicos.idp.edu.br/direitopublico/article/view/5324>. Acesso em: 20/02/2022.

CARVALHO, L. Na Pele. 1. Ed. Cuiabá-MT: Carline & Caniato Editorial, 2020.

COSTA, A. L. da. Gerações em diálogos, mulheres negras em resistência. In: LOURENÇO, A. C.; FRANCO, A. (Org.) A radical imaginação política das mulheres negras brasileiras. São Paulo: Oralituras, 2021, São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo.

KILOMBA, Grada. Memórias da Plantação: Episódios de racismo no cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó. 2019. 249 p.

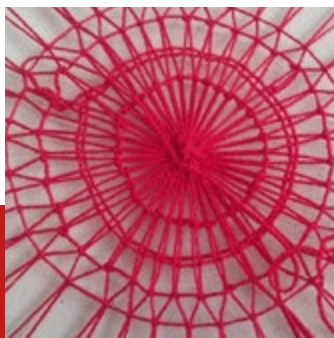
PAZ, O. Signos em Rotação. 3. Ed. São Paulo: Perspectivas, 1996. 316p.

PAZ, O. Poesia e poema. Verso e prosa. Os signos em rotação. In: O arco e a lira. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.

RANCIÈRE, Jacques. Politique de la littérature. Paris, Galilée, 2007.
RANCIÈRE, Jacques. Política da arte, Urdimento: Revista de Estudos em Artes Cênicas. v. 1, n. 15, (2010), p. 149-172.

RIBEIRO, Matilde. “Relações raciais nas pesquisas e processos sociais – Em busca de visibilidade para as mulheres negras”. In: VENTURI, Gustavo; RECAMÁN Marisol; OLIVEIRA Suely. [Org.] A mulher brasileira nos espaços públicos e privados. 1. Ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

VILALVA, W. “Poesia na Pele”. In: CARVALHO, Luciene. Na Pele. 1. Ed. Cuiabá-MT: Carline & Caniato Editorial, 2020.



Artista Visual Convidada:



Meu nome é Alice Pereira

Nasci em Cuiabá-MT, há 40 anos.
Sou filha de Miguelina, mãe de Ana Clara e neta de D. Joana, mulher que se dedicava às manualidades como parte de seu cotidiano e que desde os 9 anos já tecia redes.
As manualidades fazem parte da minha vida desde os 6 anos de idade.
Sou formada em Pedagogia pela UNEMAT - CCS e especialista em Artes Manuais para educação.
Atuo como professora de Trabalhos Manuais numa escola waldof em Cuiabá, ministro oficinas e faço instalações com diálogo aberto às artes e às manualidades.

65 9302-8823

Realização

